

IBRACE
INSTITUTO
BRASIL
CENTRAL

Centro de Defesa dos Direitos Humanos Centro de Sabedoria Popular
Centro de Atividades Indigenistas Centro de Ecologia
Centro Ecumênico de Pastoral Popular Livraria Popular

Rua 240 Qu.93 Lote 19, Setor Universitário, Goiânia-GO Fone: 2255030, CGC 02042513/0001-90

IBRACE-CAI - CENTRO DE ATIVIDADES INDIGENISTAS

CEDI - P. I. B.
DATA 06 / 12 / 89
COD. PAD 73

OS GRUPOS INDIGENAS DE GOIÁS,
TOCANTINS E LESTE DE MATO GROSSO
E A QUESTÃO AMBIENTAL:
SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS.

Goiânia, Goiás, Janeiro de 1989

OS GRUPOS INDÍGENAS DE GOIÁS, TOCANTINS E
LESTE DE MATO-GROSSO E A QUESTÃO AMBIEN-
TAL -- SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS.

A recente criação e implantação do Estado do Tocantins, modificou radicalmente a situação e o quadro de relacionamento dos Povos Indígenas com a chamada "sociedade nacional", na região Centro-Oeste brasileira.

No Estado de Goiás, após a divisão, ficaram apenas tres Grupos, todos eles em dramáticas situações de sobrevivência física e cultural, como veremos adiante.

No Tocantins ainda domina por inteiro a elite de fazendeiros sulistas, atraídos para a região nos últimos vinte anos. Ela é comandada pela UDR - União Democrática Ruralista e o governador eleito - Siqueira Campos - é reconhecido historicamente como ligado a ela. A especulação imobiliária já é violenta, principalmente em regiões como Miracema-do-Norte, escolhida como "local provisório" da nova capital. Os XERENTE, que estão apenas do outro lado do rio Tocantins, correm o risco de se tornarem, em curto espaço de tempo, em favelados da cidade a ser construída.

A maioria dos Grupos Indígenas do antigo Estado de Goiás haviam estabelecido durante os últimos anos, uma rede de contatos e alianças com universidades, escolas, governo do estado, partidos políticos e inúmeras entidades e pessoas, todas geralmente sediadas em Goiânia. Essas relações, com a criação do novo estado "esfriaram-se" automaticamente, deixando os Grupos Indígenas do Tocantins sem nenhum apoio político. No Tocantins a situação política ainda é extremamente confusa; existe uma guerra pelo poder entre as forças de direita e a oposição mais consciente agora começa a se organizar. As lideranças indígenas são alvo de promessas "eleitorais". Na verdade, se for feito um estudo detalhado, ver-se-á com certeza, que o Estado do Tocantins está completamente loteado há décadas e que as únicas "terras improdutivas" são as "reservas" indígenas. O velho esquema já começou: primeiro as promessas e as miçangas, depois as pressões, que podem ser insuportáveis.

Existe hoje uma preocupação internacional, principalmente de países europeus e norte-americanos em preservar a mata amazônica, como a única forma de manter a vida na terra. Isso está correto, em termos. Os ecossistemas brasileiros se interligam e se completam. A fauna que sobrevive na mata amazônica, também sobrevive nos cerrados, no pantanal e na mata atlântica, com ape-

nas algumas variações de espécies. Inúmeros rios ligam ecossistemas a outros e um caso bem próximo é o dos rios Araguaia e Tocantins, que nascem e correm nos cerrados e desaguam na bacia amazônica. Eles são as principais artérias do maior complexo deste ecossistema no Brasil, além de comportarem outros ecossistemas.

Os cerrados, talvez pela sua conformação fito-ecológica, com árvores retorcidas e de pequeno porte e rios de curto percurso, sempre foram considerados como uma espécie de sistema de "2a. categoria". Não é assim, entretanto. Num dos poucos estudos desenvolvidos sobre os cerrados - o do Prof. Hezequias Heringer - provou-se que ele possui a flora inúmeras vezes mais diversificada do que a floresta amazônica e que a sua potencialidade farmacêutica não foi explorada nem em 10% .

Neste ponto faz-se uma constatação: as únicas "manchas" de cerrados do sistema Araguaia-Tocantins em condições naturais, são preservadas pelas comunidades indígenas, com exceção apenas do Parque Nacional das Emas, no município de Mineiros de Goiás, medindo 150.000 has. Em algumas dessas "reservas" indígenas, como as do KRAHÔ e do Grupo Xavante de Pimentel Barbosa os ecossistemas estão praticamente inalterados, apesar desses Grupos subsistirem dos cerrados há centenas de anos. Eles acumularam conhecimentos infindáveis sobre a fauna e a flora, o solo, utilizam a astronomia na vida cotidiana e principalmente na agricultura, além de possuírem rituais riquíssimos e o domínio da tecelagem e da cerâmica. Desenvolveram ainda complexas organizações sociais, onde a "política" é exercida integral e diariamente por todos os membros da comunidade.

II

No momento são as seguintes as situações vividas pelos Grupos Indígenas do sistema Araguaia-Tocantins:

1. - AVÁ-CANOEIRO

Grupo de língua TUPI. Provavelmente seus ancestrais viveram na mata atlântica e foram "empurrados" para os cerrados, onde tiveram que modificar radicalmente sua cultura, para sobreviverem. De vida gregária, agricultores, tecelões e ceramistas, transformaram-se em caçadores e coletores, de vida extremamente nômade, para fugirem das caçadas que até hoje lhes são desfechadas. Atualmente 12 pessoas sobrevivem num Posto Indígena da Funai, no Mun. de Minaçu (GO.) e provavelmente 02 Grupos vivem em constantes correrias, num percurso que vai das nascentes do Tocantins em Goiás às margens do rio São Francisco, na Bahia. Os principais refúgios desse "corredor" de fuga são os bequeirões da "serra da mesa", locais de difícil acesso. Essa área será quase totalmente alagada com o fechamento das comportas da usina hidrelétrica de "Serra da Mesa", previsto para este ano, sem que ao menos se conheça a localização exata desses Grupos.

2. - "TAPUIOS"

Remanescentes dos Grupos Xavante, Kayapó e Karajá, vivendo no município de Rubiataba (GO.). O local era um antigo aldeamento administrado pela Igreja Católica, denominado São Pedro III ou Carretão, até finais do século XVIII. Ali os tres Grupos tiveram que conviverem certa paz, apesar de serem inimigos históricos. Depois, em sucessivas levas, os Kayapó e os Xavante atravessaram o Araguaia rumo ao Mato-Grosso e Pará. Os que ficaram para trás foram, com o passar dos anos, denominados genericamente de "Tapuios" pela população local. Sobrevivem em dois lotes de terras doados pelo governo do Estado de Goiás, não são assistidos por nenhum órgão governamental e estão em avançado estágio de aculturação. Contam hoje com cerca de 20 famílias, vivendo da atividade agrícola rudimentar.

3. - KARAJÁ DE ARUANÃ

Pequeno grupo Karajá vivendo praticamente dentro da cidade de Aruanã (GO.). A cidade, localizada às margens do Araguaia é um dos mais procurados polos turísticos de Goiás, principalmente nas férias de julho. Os "índios" são explorados pelos turistas, discriminados pela população local e não recebem nenhuma forma de assistência. São hoje aproximadamente 50 pessoas, vivendo da pesca e da venda do artesanato.

4. - APINAGÉ

Grupo do Tronco linguístico Jê, Família Timbira. População atual de 650 pessoas, em tres aldeias. Suas terras estão localizadas no município de Tocantinópolis (TO.), em plena região do "Bico do Papagaio". Ficam também na área de influência da BR-163 (Belem-Brasília), da Transamazônica, da E.F. Carajás e do garimpo de Serra Pelada. Em 1985, depois de muita briga e ajudados por outros grupos de Goiás e do Xingu, conseguiram ver suas terras demarcadas parcialmente. No mesmo ano sofreram um massacre, quando uma pessoa morreu e tres ficaram feridas, no centro da cidade de Tocantinópolis. O ataque, que foi planejado e executado pela PM. - Polícia Militar, com a colaboração de fazendeiros e populares, tinha como objetivo "vingar" a demarcação das terras. Sobrevivem hoje da coleta do coco babaçu e das roças de subsistencia. As terras começam a ser novamente invadidas.

5. - XAMBIOÁ

Este Grupo, um ramo do Povo Karajá, conta hoje com uma população de cerca de 125 pessoas, vivendo às margens do Araguaia, município de Araguaína (TO.). Terras demarcadas mas

com constantes ameaças de invasão. Vivem da pesca e do roçado. Suas terras poderão ser em mais de 45% alagadas com a construção da barra gem de Santa Isabel, no rio Araguaia.

6. - KRAHÔ

Pertencentes ao Tronco Linguístico Jê, Família Timbira. População atual 1.200 pessoas, as aldeias, localiza das nos municípios de Goiatins e Itacajá (TO.). Terras demarcadas, com uma extensão de 320.000 has. inteiramente de cerrados. Os Krahô se no tabilizaram nos últimos anos pela exigência de autonomia política em seu território e respeito à sua cultura. Continuam vivendo como caça dores e coletores, apesar do território restrito e de 250 anos de con tato com a população "branca". Os principais rituais e a organização social estão preservados. A região já é alvo de intensa especulação imobiliária, pela sua proximidade com o local da capital a ser cons truída.

7. - KARAJÁ, JAVAÉ E TAPIRAPÉ

Habitantes imemoriais da Ilha do Bananal (os Karajá e Javaé. Os Tapirapé formam um Grupo de língua Tupi, provenientes, ao que tudo indica, da região Amazônica), com uma popu ção atual de aproximadamente 1.500 pessoas. Língua isolada. A Ilha do Bananal está quase totalmente invadida por pecuaristas e a pesca legal e clandestina no rio Araguaia é intensa, além dos milhares de turistas que a invadem anualmente. Mesmo assim os Karajá resistem e preservam principalmente o interior da ilha, onde centenas de lagos interligam vários ecossistemas. Mas a pressão é muito forte sobre os Povos da Ilha do Bananal, que como os outros, não recebem atualmente nenhuma as sistência por parte do governo federal e estadual. Isso os obriga às vezes a depredarem o próprio patrimônio, envolvendo-se no esquema de pesca clandestina.

8. - XERENTE

Tronco Linguístico Jê, população de 1.200 pessoas, 13 aldeias. Terras apenas parcialmente demarcadas, no município de Tocantínia (TO.). O governo do novo estado escolheu a cidade de Miracema-do-Norte como "sede provisória" de uma capital que deverá ser construída em um "polígono" que atinge parte das terras dos Xerente. Eles, que já sofrem pela depredação de seu território por duas estradas estaduais e duas redes de alta-tensão, estão passando pelos efeitos de uma verdadeira avalanche. Após o anúncio do local da capital, Miracema-do-Norte passou rapidamente de 10.000 para 150.000 habitantes. A especulação de terras e moradias é violenta. Antes da criação do novo estado já existiam projetos para construção de uma pon

te sobre o Tocantins, cuja cabeceira ficaria a apenas 500 metros da aldeia Funil e de uma hidrelétrica no rio do Sono, que alagaria parte das terras Xerente. Com a criação da capital, estes e outros projetos com certeza serão tocados rapidamente. Entretanto, os Xerente possuem um documento assinado por D. Pedro II., doando a eles as terras que ocupam. Eles poderiam, por exemplo, exigir pedágios nas estradas e negociar com o governo cada projeto que os atingisse diretamente. Necessitam para isso de apoio político e jurídico.

9. - XAVANTE

O Grupo mais populoso do Estado de Mato-Grosso, com 6.400 pessoas; 06 "reservas" e 52 aldeias, em vários municípios localizados a Leste e Nordeste daquele estado. Pertencem ao Tronco Linguístico Jê e são aparentados dos Xerente, de quem se separaram no século XVIII.. Em finais da década de setenta e início de oitenta, notabilizaram-se pelas lutas para demarcação de suas terras e exigências de assistência material por parte do governo. Seus territórios foram duramente atingidos pela onda migratória oriunda dos estados do sul, ocorrida a partir do início da década de setenta, incentivada pelo governo federal. Muitas aldeias Xavante sofrem hoje com a falta de água potável e espaços para o desenvolvimento de suas atividades de subsistência. A maioria das aldeias continuam preservando os costumes dos antigos e a rígida e elaborada organização social.

III

CONCLUSÃO

A sobrevivência dos Povos Indígenas habitantes das bacias do Araguaia e Tocantins está seriamente ameaçada. As atenções das entidades nacionais e internacionais de apoio ao índio e grupos ambientalistas voltam-se inteiramente para a Amazônia, deixando a descoberto para os especuladores as outras regiões do país. A Funai é hoje um amontoado de funcionários - talvez uns 20 mil, comandada pelos militares do Conselho de Segurança Nacional e que só usa o seu pretense papel de "tutora" - que tecnicamente a nova Constituição extinguiu - para pressionar, aliciar e coibir as comunidades Indígenas. Os Povos Indígenas sentem-se desconcertados com a rapidez dos acontecimentos e cada vez fica mais difícil apoiá-los, pela falta de recursos materiais e pela incompreensão da necessidade de se fazê-lo. A questão é eminentemente política e neste jogo os índios já entram perdendo, devido a aspectos culturais e numéricos. É necessário apoiá-los concretamente em suas lutas de sobrevivência física e cultural, sem paternalismos e reconhecendo suas condições de POVOS diferenciados, dotados de lideranças e organizações sociais.

O Centro-Oeste e a Amazônia são ainda as únicas regiões brasileiras que mantêm razoável equilíbrio ambiental, com estações do ano bem definidas, sem registros de fenômenos meteorológicos e ecológicos. Mas esta situação pode não perdurar muito, e continuar o atual ritmo de destruição dos cerrados do sistema Araguaia-Tocantins. E se houver desequilíbrio também nesta região, parte da população inevitavelmente migrará para a Amazônia, como aconteceu com os nordestinos e os sulistas.

O apoio à sobrevivência dos Povos Indígenas não é a única forma de evitar a destruição completa dos cerrados. Também os pequenos agricultores e criadores, os sertanejos e algumas comunidades negras remanescentes dos quilombos aprenderam a conhecer e tirar sustento dos cerrados sem destruí-los.

É necessário realizar um trabalho de mobilização de todas as forças políticas conscientes da região, as universidades, os ambientalistas, as entidades de apoio às causas populares, para que se inicie urgente um levantamento técnico minucioso da situação dos cerrados do Centro-Oeste brasileiro, as suas potencialidades e programas de aproveitamento racional, como formas de evitar sua completa destruição. Este é um trabalho que o IBRACE vem realizando já ha alguns anos e se propõe a continuar e intensificar.

GOIÂNIA, 20 de janeiro de 1989.

IBRACE - INSTITUTO BRASIL-CENTRAL

CAI. - CENTRO DE ATIVIDADES INDI-
GENISTAS.

Fernando Schiavini